

**...e a lembrança dos grandes espelhos na sala de espera, espelhos que funcionavam já como quase-cinema: ver-se ali era como se ver num filme; ver-se ali era um convite para entrar sem mais espera na realidade das imagens e viver experiência parecida com aquela menina Alice: deixar-se cair no país das maravilhas, passear no país dos espelhos.**

(José Carlos Avellar em *Palácios e Poeira: 100 Anos de Cinema no Rio de Janeiro* de Alice Gonzaga; Record Funarte, 1996)

Imaginem ser bem cedo de manhã na orla de Copacabana num domingo. Durante sua corrida matinal na praia, com apenas um sol bem amarelo como testemunha, um morador vê uma garrafa arrolhada, daquelas jogadas por um naufrago, rolando na areia, sendo empurrada pela espuma do mar, com alguma coisa brilhando dentro. O sujeito para, pega a garrafa e retira a rolha. Ao olhar com o olho direito pelo gargalo, é presenteado com seu próprio olho olhando de volta para ele, lá do fundo. Ele deixa a garrafa cair e continua sua corrida, ou sai correndo. Há dúvidas quanto a esta parte.

Por muito tempo, as únicas superfícies especulares que conhecíamos eram as fontes de água parada, como poças, poços d'água e lagos — como sabemos da lenda de Narciso — os chamados espelhos d'água. Embora na Grécia antiga já houvesse espelhos primitivos feitos com superfícies polidas de ferro ou bronze (a Medusa que o diga), foram necessários uns mil anos de progresso na química, para que se conseguisse um espelho límpido e cristalino como a água (permitindo também acabar com as fontes de água parada e consequentemente estancar as epidemias trazidas pelos pernilongos *Aedes Aegypti* que vinham logo ali do sul). Apenas quando conseguimos descobrir como adicionar prata ao vidro, com a ajuda do mercúrio, se tornou fácil criar os espelhos de hoje em dia, verdadeiros cristais especulares. Algo que se conseguiu fabricar em massa somente em 1839, na mesma época em que se criaram as primeiras chapas fotográficas negativas em vidro, utilizando-se a sensibilidade dos grãos de prata à luz — uma evolução do custoso daguerreotipo, o primeiro sistema de fotografia comercial, que era caro e só produzia uma única imagem positiva em metal — cristalizando, portanto, em vidro a imagem da luz emitida por objetos que entravam nas câmaras-obscuras.

Assim como o espelho, a fotografia é a princípio uma cópia simétrica de uma imagem. No entanto, enquanto a imagem virtual especular é um duplo completamente congruente, como o reverso de uma folha de manuscrito, o que acontece com a fotografia é de certa maneira algo que se sucede quando vemos uma imagem refletida por dois espelhos, ou seja, o reflexo do reflexo. A primeira diferença é que a foto nunca é realmente "reflexiva" como a de um espelho, ela tem sempre o ponto de vista em terceira pessoa, mesmo quando se trata de um autorretrato. Um espelho reflete a luz de um objeto diretamente aos olhos, sem intermediário; ou seja, o meu reflexo no espelho é sempre "eu", primeira pessoa, o da fotografia é sempre "um homem", embora *reconheça* a foto como sendo "minha". Em segundo lugar, como no conto de Oscar Wilde "O Pescador e a sua Alma" — onde a sombra se livra de seu mestre, sai fazendo todos os tipos de sacanagem, até finalmente ser costurada pelo dono em seus pés de novo numa noite de lua cheia — a imagem perde a congruência total se emancipando; ela não é mais um *duplo*, ela se torna uma *reprodução*. Mantendo-se puramente virtual sem uma ligação viva (ou "ao vivo") com o objeto, a imagem agora aproxima-se de ser um ícone, um signo, *but not quite* (como sabemos por Barthes, o buraco é mais embaixo), pois a fotografia é uma mensagem denotada, um signo sem alma.

Os índios parecem sempre ter intuído isto, já que embora aceitassem os espelhos que os portugueses lhes presenteavam, foram reticentes, mais tarde, quando antropólogos quiseram tirar suas fotos. Neste sentido

de capturar o espírito, mas de um jeito Bergsoniano, pode-se dizer que a fotografia se assemelha mais à própria memória, pois junto com a imagem especular cristaliza-se o tempo, ou melhor, o *evento*; embora, por outro lado, a fotografia sempre desconcerte as lembranças com sua fidelidade objetiva. Mas é o próprio Freud uma vez quem escreveu que a memória é como uma imagem refletida por diversos espelhos em nosso aparelho psíquico, até alojar-se nos confins do inconsciente, como a luz trazida pela lente de um telescópio. Esta analogia me agrada particularmente, pois é justamente na congruência simétrica horizontal que as minhas memórias mais me passam a perna.

Por exemplo: Uma vez retornei para minha cidade natal depois de muitos anos. Ao caminhar para o prédio onde morei quando criancinha, embora as janelas do apartamento no primeiro andar me dessem um senso de familiaridade suficiente para acreditar ingenuamente na nitidez das minhas memórias, elas se encontravam no lado errado da Rue Tombe-Issoire. (Aliás, não sei se tem a ver, mas sempre ao olhar um mapa a mesma inversão acontece. Nesta mesma vez em Paris me perdi por um bom tempo, pois troquei a esquerda pela direita e terminei nos muros de um cemitério. Havia justo ido para visitar onde vivi meus primeiros anos e terminei onde um dia, hipoteticamente, poderia acabar enterrado, se não houvesse abandonado aquela cidade.)

É curioso saber por Eco que nossa concepção de imagem especular está ligada a uma inversão simétrica horizontal, simplesmente porque o espelho plano vertical é o que comumente usamos, enquanto os "libertinos" (em suas palavras), que tem espelhos nos tetos de seus quartos acima de suas camas, sabem muito bem que "espelhar" também pode significar inversão simétrica vertical, ou seja, confundir baixo com alto, além de apenas direita com a esquerda. (Ainda bem que sou conservador.)

Outra vez retornei ao Rio, onde cresci e vivi até a maioridade, após um longo intervalo. Não apenas as cores das montanhas e da vegetação tropical me pareceram ter uma intensidade muito mais elevada que o normal, mas a proporção dos espaços e objetos me parecia indignamente errada. Ao entrar no antigo apartamento de minha vó em Copacabana, onde morei os últimos anos antes de partir, descansei as malas no chão com a sensação incômoda de que haviam pendurado novos quadros em suas paredes que agora eram de um bege quente, quando antes eram de um branco quase azul. E o meu quarto, onde havia vivido uma adolescência assombrada, se encontrava forrado por um carpete fofo demais. Em cima da penteadeira encontrei um espelho; tentei não olhar, mas não resisti...

Aturdido, com a sensação de quatro anos terem se passado desde que havia entrado no taxi do aeroporto, comprei novos chinelos e fui para a praia. Lá fui redimido ao constatar que as ondas ainda pareciam ser as mesmas. Pensei mesmo que havia reconhecido uma ou outra que quebraram com uma desenvoltura particularmente espumante.

Sentado olhando para o horizonte onde boiava um cargueiro alemão, lembrei que minha vó nonagenária havia me contado uma vez sobre o cinema Rian, que como muitos nas décadas de 40 e 50, foram erguidos em frente à praia ao lado de hotéis e cassinos luxuosos. Os primeiros recintos públicos com ar-condicionado, as matinés eram o esconderijo nos dias de verão dos gordinhos e dos pálidos, ou dos viajantes duros que só tinham recursos para comprar um bilhete para um filme estrelando Martine Carol, mas não para um navio — muito menos para um avião — indo à Paris. Este cinema em particular continha em seu lobby espelhos enormes de cristal que refletiam a praia, que naquela época ainda não havia sido aterrada, e cujo quebra-mar ficava a apenas algumas dezenas de metros de sua calçada. De modo que entrar na sala de projeção, era análogo a submergir debaixo das ondas e ser levado pela maré.